

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos	
Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos	
Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus	
Ana Lúgia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENÇO	
Vítor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Data de aceite: 31/01/2020

Taíse Dos Anjos Santos

Taíse dos Anjos Santos. Salvador, Bahia.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6167713026034381>.

Taynan Alves Filgueiras

Taynan Alves Filgueiras. Itabuna, Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3504851340296309>

A noite não adormece

*Nos olhos das mulheres
A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.
A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

Conceição Evaristo

mercado de trabalho. Partiu-se do pressuposto de que as mulheres negras necessitam se esforçar mais do que homens negros e mulheres brancas por conta da existência do preconceito racial e de gênero. A partir de observações e compreensões adquiridas da realidade soteropolitana, verifica-se a existência de um índice baixíssimo de mulheres negras ocupando cargos de direção e planejamento (8,9%), sendo que a maioria da população da cidade é negra (80%). Para a efetivação dos objetivos, a metodologia baseou-se em entrevistas semi-estruturadas, direcionadas a quatro mulheres negras que ocupam cargo de destaque em diferentes áreas de trabalho (medicina, direito, empresarial, educação). Quanto aos resultados, constatou-se nas trajetórias destas mulheres marcas adquiridas pelo racismo que desencadeiam impactos psicológicos e que estas buscam, de variadas formas, criarem estratégias de enfrentamento e superação do problema. E, a Psicologia pode contribuir oferecendo alternativas, para que possam ressignificar aspectos psicológicos associados à discriminação racial, desde que o psicólogo esteja atento a essas questões em sua prática cotidiana.

RESUMO: O presente artigo pretendeu identificar algumas contribuições da psicologia frente os possíveis impactos psicológicos vividos pela mulher negra que ascende no

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Mulher negra; Trajetórias; Trabalho; Racismo.

INTRODUÇÃO

A história do negro no Brasil teve início com o domínio português, que adotou o tráfico externo dos escravos por volta dos séculos XVI e XVII. As/Os negros foram aprisionada(o)s em quase todo o território africano e transportados para o Brasil para serem submetidos ao regime escravagista, perdendo assim suas referências, além de tratados como indigentes e propriedades dos colonizadores. As/Os negra(o)s foram colocada(o)s em situações desumanas, de maus tratos (OLIVEIRA 2002).

Sendo assim, diante deste contexto percebe-se que o Brasil traz consigo um legado histórico muito carregado de desigualdades, injustiças, ideologias dominantes e negativas, que refletem na realidade hodierna e faz parte das representações sociais, do imaginário coletivo dos brasileiros. As marcas do passado ainda estão muito fortes e os resquícios se reproduzem nas relações inter e intrapessoais, independente da legislação e das tímidas políticas vigentes na sociedade (OLIVEIRA, 2002).

O racismo é compreendido por Ferreira (2000) como crenças e atos constituídos culturalmente que destoam da concepção e prática de igualdade que deveria existir entre todos os seres humanos, a partir de diferenças com relação à cor da pele e aparência. O racismo não significa necessariamente uma prática consciente ou intencional, mas na maioria das vezes institucional¹, desencadeando prejuízos psicossociais. O mercado de trabalho é um exemplo que traduz visivelmente situações de desfavorecimento social, possivelmente ligados a impactos subjetivos. Quando é colocada, através de dados estatísticos, a discrepância quanto à distribuição de renda entre negros e brancos, constata-se a presença do racismo. Conforme, Dieese (2016) de 2015 para 2016, a taxa de desemprego total dos negros aumentou de 14,9% para 19,4%, enquanto a dos não negros avançou de 12,0% para 15,2%. No entanto, essa relação nem sempre é percebida, mesmo que haja repercussões negativas deste problema na vida do sujeito.

O racismo traz consigo práticas discriminatórias responsáveis por segregar qualquer característica indesejada, sem justificativa lógica ou científica (BENTO, 2000). E, meio a este degradante contexto, a mulher negra, via de regra, sofre discriminação dupla: de gênero e raça², agravando ainda mais a sua situação no mercado de trabalho. Numa escala hierárquica, a mulher negra se posicionaria na base da pirâmide, acompanhada (numa ordem crescente) por homens negros, mulheres brancas e homens brancos, respectivamente. Em Salvador, estes índices³ são alarmantes, considerando o nível de desemprego. Sendo assim, a cor da pele aliada ao gênero

1 A discriminação institucional está presente e se dissemina nos diversos espaços sociais, permeando nas relações interpessoais, sem, no entanto, haver uma intencionalidade no ato de discriminar, ou mesmo ter preconceito aberto (Bento, 2001).

2 “A categoria raça é entendida como mecanismo de estratificação social, fundamentada na percepção da diversidade fenotípica, como cor de pele e textura do cabelo” (SISS, 2003, p.21).

3 De acordo com pesquisa em Segatto (2005) taxa de desemprego: 29,2% (mulheres negras), 23,1% (homens negros), 21,0% (mulheres não-negras), 15,2% (homens não-negros).

seria um fator de exclusão. Mas, mesmo diante de todos esses agravantes, algumas mulheres negras conseguem ultrapassar as barreiras da discriminação, ocupando lugares de destaque no âmbito do trabalho. Porém, o processo de ascensão pode se constituir em circunstâncias tão adversas e sinuosas, podendo, em alguns casos, deixar registros demasiadamente desagradáveis, impactando psicologicamente estas mulheres.

O lugar que a mulher negra ocupa no mercado de trabalho e as implicações desta realidade no âmbito psicológico são temas de fundamental importância para serem discutidos no campo de ação da Psicologia, pois esta ainda se mostra tímida frente a tais questões. A psicologia, em essência, traz no seu bojo uma discussão sobre definições da natureza do homem, sendo, desta forma, responsável também pelo processo de construção de representações sociais do ser humano.

No interior da Psicologia, desenvolvem-se diversas concepções de homem e de mulher e diversas práticas destinadas a melhorar suas condições de vida psíquica, concepções e práticas que fazem parte essencial do processo histórico de construção da consciência coletiva sobre os direitos da humanidade. (CAMINO, 2000, p. 56).

No entanto, ao longo do tempo, percebeu-se a omissão no desenvolvimento dos Direitos Humanos por parte da Psicologia, pois carregava consigo (e ainda carrega) o elitismo, atendendo ideologias dominantes acopladas ao positivismo, liberalismo econômico, negando assim a subjetividade e a realidade social (SILVA, 2001). Quanto à formação de psicólogos, as academias de Psicologia dificilmente colocam no seu campo de discussões as questões raciais.

Felizmente, hoje já existe uma preocupação por parte de profissionais de psicologia, a exemplo de Maria Aparecida Silva Bento, Marcus Vinícius de Oliveira Silva, Fernando César de Araújo, Emanuel Mariano Tadei, na produção do conhecimento sobre a questão racial. A cidade do Salvador, com população majoritária de negros, utiliza os serviços da psicologia, mesmo que ainda de forma restrita. Na comunidade, nas clínicas, em empresas e organizações, em processos seletivos, em atendimentos diversos podem emergir situações ou falas relacionadas às experiências depreciativas decorrentes do racismo, e que talvez, por despreparo, o psicólogo tenha dificuldade de lidar com a circunstância. E, ainda em outras ocasiões ele poderá simplesmente ignorar aspectos referentes a tais demandas, julgando-os desnecessários, sem perceber que talvez para as pessoas que se implicam nesta dinâmica seja importante e significativa a abordagem da temática.

As pesquisas sobre o tema proposto apontam dados comprobatórios de uma reprodução do lugar de inferioridade ocupado por negras no setor trabalhista. Conforme pesquisa publicada⁴ o número de homens, que ocupam cargos de direção e planejamento, se sobrepõe ao número de mulheres. Baseando-se nos dados estatísticos desta pesquisa, na cidade do Salvador, as mulheres brancas ocupam

4 Banauevo, 2004.

26,2% dos cargos de direção e esse número cai para 8,9% em se tratando de mulheres negras. Tal fato decorre porque a mulher negra sofre os impactos da discriminação racial associados à discriminação de gênero, alimentada pelo machismo, tornando ainda mais custosa a sua inserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, barrando uma possível ascensão profissional.

Tendo em vista esses aspectos da realidade, a pesquisa realizada para a elaboração deste artigo, objetivou então identificar possíveis contribuições da Psicologia no enfrentamento dos impactos psicológicos do racismo sofridos pela mulher negra no mercado de trabalho, incluindo também o aperfeiçoamento de estudos psicossociais. Para tanto, optou-se por averiguar, através dos relatos de mulheres negras que ascenderam socialmente, como foi o processo de inserção das mesmas no mercado de trabalho; além de identificar nas trajetórias destas profissionais a ocorrência de eventos relacionados ao racismo que tenham causado impacto psicológico; discutindo ainda a influência destas questões raciais nas relações de trabalho.

O artigo foi construído a partir de uma pesquisa exploratória de método qualitativo. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, procedimentos da história oral temática, considerando também a história de vida de cada entrevistada. O público-alvo consistiu em quatro mulheres negras com faixa etária entre 30 e 45 anos, da região metropolitana de Salvador. Cada uma delas ocupava um cargo de destaque nas áreas da medicina, direito, educação e administração empresarial. Nos relatos foram abordados temas referentes à vida escolar, acadêmica, familiar, profissional, incluindo episódios de racismo. Sendo assim, buscou-se identificar aspectos relevantes de gênero e de raça, presentes em suas trajetórias profissionais e de vida, sinalizando a influência destes fatores na subjetividade das mesmas.

LEGADO HISTÓRICO E MECANISMOS DE ENFRENTAMENTO PARA SITUAÇÕES DE RACISMO

Na época da escravidão, da colonização do Brasil foi desenvolvida uma imagem negativa do ser negro. As características fenotípicas do indivíduo foram supervalorizadas no que concerne ao desenvolvimento das relações entre as pessoas. O determinismo biológico colocava os traços hereditários dos indivíduos como indicadores das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas de cada raça; isto desencadeava exclusões sustentadas por ideologias de poder, já que o branco se considerava e era visto como o manipulador, o colonizador, detentor do conhecimento, beleza, inteligência e das decisões (MUNANGA, 2004).

Considerando que a subjetividade também é constituída a partir de referenciais socioculturais, o negro traz consigo uma carga histórica muito carregada de humilhação, sofrimento, submissão, falta de oportunidade, deixada pela escravidão. Os resquícios de todo este contexto estão presentes, em algum nível, no íntimo do ser negro. E, sua forma de se mostrar, comportar e atuar no mundo vai depender de como ele recebeu e

elaborou todo este legado, e de que forma ele se percebe no grupo social inserido. Foi por intermédio da sociedade racializada (ou seja, formada pela existência de raças: negra e não negra) que o negro teve que se constituir como tal (CARONE, 2003).

A história do negro no Brasil é composta por atributos desfavoráveis que influenciam na construção identitária da população negra. No Brasil, especificamente na cidade do Salvador, os negros podem ser concebidos como “um Outro” que se difere nos níveis das origens, cultura, costumes e valores e que “não reconhecemos em nós mesmos” (ARAÚJO, 2002, p.25). Esta idéia de diferente, de perceber o negro como um ser exótico dotado de tradições adventícias, portanto não passa só pelo âmbito da aparência física ou do comportamento, mas também pelo imaginário que circula entre o individual e o coletivo. E, atrelado a este pensamento, entende-se que são desenvolvidas práticas racistas que não necessariamente são intencionais ou conscientes.

As pessoas reproduzem ações, muitas vezes sem saber o real valor ou motivo destes procedimentos, seguindo um padrão histórico. Contudo, na tentativa de minimizar e/ou superar os reflexos deste legado histórico existe, por parte dos negros, uma busca incessante pelo sucesso e luta para a desconstrução dessa ideologia. Diante desta tentativa de superação, as entrevistadas colocaram os estudos, trabalho com a autoestima, como maneiras de encarar situações discriminativas de forma não destrutiva, buscando sempre a sua superação.

Averiguamos que o incentivo para os estudos sempre foi muito presente na educação das entrevistadas, conforme se evidencia nas seguintes falas: *Eu tinha um irmão mais velho, então este irmão me pegava pelo pé para estudar* E1. *Na educação dos meus pais o importante eram os estudos e não a vestimenta* E3. Observamos uma forte representatividade das respectivas famílias no estímulo aos estudos. Duas entrevistadas destacaram o forte esforço da mãe em manter os filhos na escola considerando esta como a única forma de progredir. Tal afirmação pode ser exemplificada a partir dos seguintes trechos:

A minha mãe se separou de meu pai, e ela era muito cheia de sonhos, morava no interior e o sonho dela era vir morar na capital, perto da escola, para que todos os filhos estudassem E1.

Minha mãe sempre se preocupou com os estudos [...] minha mãe nunca me deixou dúvidas. Nunca fui criada para ser doméstica, lavadeira. Pequena eu nunca trabalhei, tinha que estudar E2.

Por diversas vezes, todas colocavam o quão é importante o conhecimento adquirido ao longo da carreira para que elas se mantenham no mercado de trabalho. A exemplo, têm-se as seguintes falas: [...] *Compenso as coisas com os estudos* E1. *Pela via do estudo eu ia ocupando espaços* E3. Portanto, o estudo foi colocado com uma prova de esforço extremamente essencial para elas provarem que são tão capazes quanto os outros. A partir destas colocações identificamos uma cobrança interna das mesmas para se superarem a cada momento, percebendo que não basta serem valorizadas pelo que são enquanto pessoas, mas, sobretudo pelos dotes intelectuais.

Outro elemento, mais presente para uma das entrevistadas, que se destacou como um dos seus mecanismos de enfrentamento referiu-se à sua posição de destaque adquirida na escola primária: *O fato, de pequena, ter sido chamada para participar do filme, trabalhou muito meu ego, minha auto-estima. Desde pequena era chamada para ser oradora na escola, era chamada pela diretora* E1. Esta fala nos indica que a mesma se sentia importante, valorizada e reconhecida na escola perante os convites que lhe eram feitos.

Nas discussões sobre a temática racial, identificamos que três entrevistadas dialogam sobre o assunto do racismo no âmbito familiar, sendo que duas destas já conversavam com os pais, e hoje abordam tal tema também com os filhos. E4 também afirmou falar sobre o assunto com o filho, embora não tenha experienciado esse diálogo com seus pais. No entanto, ela faz referência à educação familiar como fundamental para enfrentar as adversidades: *[...] então isso cria uma base muito boa para você poder estar se expondo no sentido de estar falando em público, de estar buscando espaço em reuniões, buscando credibilidade* E4. Mesmo diante da dificuldade destas mulheres mostrarem-se com variadas habilidades no meio social, a família vem representada como um alicerce que as validava, principalmente, pelo que eram e são. Outras afirmações abaixo, referentes à base familiar, reforçam a idéia discutida: *Você se impõe pelo saber. O importante é a sua cabeça, esse é um ensinamento passado por E1 aos seus filhos. Sempre discuti estas questões em casa para não passarem o que eu passei. Trabalho com a auto-estima deles* E2. Percebemos um receio por parte das mães, e certo cuidado para com os filhos, na tentativa de evitar possíveis danos que o racismo desencadeia. Na fala de E1, o incentivo ao estudo apareceu, não com o teor da pressão ou exigência, mas, sobretudo no sentido de potencializá-los para diversos enfrentamentos no âmbito extra familiar, reforçando qualidades e talentos dos mesmos; anseio este também ratificado na fala de E2, que a todo tempo trabalha para que os filhos desenvolvam a valorização de si mesmo.

Duas das entrevistadas ressaltam que quando a pessoa tem desenvolvida uma consciência em relação a estes assuntos, consegue no momento superar a situação. *Quando acontece, a gente tem duas alternativas, ou sai e vai para casa chorar ou enfrenta respondendo e se mostrando ...* E2. Tal trecho nos reporta mais uma vez aos mecanismos de enfrentamento, atrelados ao apoio familiar referido acima, considerando que quando a consciência é desenvolvida desde cedo, a probabilidade de confrontar com o problema e engolir o choro é maior. Em contrapartida, o resguardo deste choro acaba por encobrir os sentimentos que de fato condizem a uma dor. A forma como o sujeito enfrenta estas situações, seja no grito, no choro, no silêncio, no ataque, pode interferir na formação da sua identidade. Enfrentar a situação de discriminação, respondendo de forma contundente, teve para E2 um significado de auto-afirmação no que diz respeito a sua valorização enquanto mulher negra.

IDENTIDADE

A identidade é uma categoria que envolve o reconhecimento individual de cada pessoa. Ela é considerada um processo estruturador do sujeito que se constitui pela união de fatores internos, biológicos e sócio-históricos. A formação da identidade está intimamente ligada à imagem, representação e conceito que os outros têm sobre um indivíduo, e que este indivíduo tem sobre si mesmo. A forma como este lida com seu contexto vivencial, como se dá a socialização, como ele se comporta diante de sua cultura, fazem parte das referências da identidade deste indivíduo (JACQUES, 1999).

A identidade pode estar relacionada ao termo de autoconceito, definido como um “conhecimento das próprias capacidades, desejos, crenças e ações; códigos de ética pessoal e sentimentos quanto a si mesmo” (BERNS, 2002, p.660). Foi identificado que todas as mulheres entrevistadas apresentaram um entendimento bem maduro sobre si e sobre sua posição perante a sociedade. Uma das entrevistadas conseguiu pontuar estes aspectos: [...] *quando fiz curso de Direito, já tinha dois filhos, já tinha maturidade; não tive problemas, porque já vinha militando, já tinha consciência* E2. Observamos que os valores pessoais e compreensão sobre suas capacidades e habilidades profissionais estão relacionados às experiências vividas e ao relacionamento com outras pessoas.

Vale ressaltar que E2 fez primeiro graduação em História, numa instituição pública em que na época não percebia diferenças raciais, e depois de algum tempo, fez o curso de Direito, em que a maioria dos alunos eram brancos e as diferenças eram visíveis. Entretanto, colocou que o tempo, a relação com movimentos negros, sua prática como militante negra teve grande influência para seu amadurecimento e identidade pessoal, incluindo a forma de melhor lidar com situações de discriminação.

Berns (2002) também faz ligações entre o conceito de auto-estima e identidade, enfatizando que o sentimento pessoal do sujeito influencia no nível da sua auto-estima. A autora conceitua auto-estima como “um valor que uma pessoa atribui a sua identidade, que surge das interações com os outros” (BERNS, 2002, p.670). Esta definição faz tocar num ponto colocado por uma entrevistada que ao longo de sua trajetória referiu-se a sentimentos negativos por não se sentir parte do grupo em que estava inserida:

Eu era a única negra na minha turma. Foi complicado lidar com a situação, não tinha ninguém para se identificar, não via seus iguais, via gente diferente de você... Chegou a ser cruel no primeiro momento E2.

Porém, em contrapartida, E2 demonstrou através de outra fala as transformações pelas quais passou, tanto da percepção de si, quanto dos outros, pesando neste aspecto a maturidade adquirida com a idade:

Eu ouvi na minha adolescência toda que negro não usava batom, que negro não tinha lábios, tinha beijo de mula. Nunca usei batom na minha adolescência... hoje, eu uso batom! Minha bolsa é cheia de batom.

Diante destas passagens, percebemos que a identidade se constitui a partir de um contexto dinâmico. O que numa dada fase foi muito forte, registrado na memória como algo cruel ao nível de paralisá-la e não fazê-la usar batom, pôde ser revertido ainda que com impactos negativos. E, de acordo com Oliveira (1998), a identidade pode ser entendida como um processo, considerando que os acontecimentos cotidianos a transforma constantemente, ainda que existam caracteres do sujeito que o acompanham por todo o tempo, como, por exemplo, nome, nacionalidade, aprendizado, registros internos, valores. No entanto, vale considerar que a identidade é representada pelo papel que cada um desempenha; e no contexto atual os papéis mudam, a depender da situação (JACQUES, 1999).

Atualmente, fala-se muito nas transformações do mundo pós-moderno, com implicações que atingem o indivíduo. Conforme Bruschi (2003), as identidades pessoais estão sofrendo um deslocamento, considerando que o sujeito está perdendo seu eixo identitário. Esta abordagem faz emergir um outro aspecto com relação à situação das mulheres negras que sofrem discriminação, pois, ao mesmo tempo em que passam por um saldo positivo em suas experiências, chegando ao processo da auto-afirmação, existem possibilidades de camuflagem de si mesmo, ou seja, podem abdicar do que acreditam ou do que realmente são, para serem aceitas. Os relatos das mulheres entrevistadas dão indicativos de que elas necessitam se superar a todo momento no ambiente de trabalho; e, a todo tempo, precisam se mostrar fortes, sem se deixar abater pelas ações discriminativas; além do constante trabalho de desconstrução do que já introjetaram sobre a inferioridade e incapacidade do negro.

Outro ponto que merece destaque percorre a questão do visual e estereótipo. A mídia publicitária tem forte influência na construção do imaginário das pessoas que constroem idéias, representações sobre algo e sobre os outros. Estas pessoas por sua vez acabam reproduzindo estas idéias que podem ser direcionadas para ações positivas, mas também negativas. Kllener (1996 *apud* BRUSCHI, 2003) afirma que as representações construídas e permanentes no mundo pós-moderno estão atreladas a papéis e modelos de gênero, formas convencionais apropriadas e inapropriadas de comportamento, que as pessoas incorporam na tentativa de alcançar estilos esperados e valorizados pela sociedade, escondendo assim, muitas vezes, características que lhes são próprias. Esta realidade foi evidenciada na fala de E4: *O negro, para ser bem aceito, tem que estar de cabelo escovado... então, é uma violência que se faz com o negro, talvez até pior do que o racismo declarado.* Em verdade, ela julgou ser uma violência pelo fato do negro ser obrigado a se destituir de elementos da sua identidade, como por exemplo, não assumir seu

cabelo crespo para ser bem visto. Foi característico da maioria das entrevistadas, falas impregnadas de indignação pela infeliz persistência da representação da figura da mulher negra ou como feia, sensual, exótica, subserviente ou ignorante.

A identidade da mulher negra traz aspectos que supervalorizam a imagem, em detrimento de elementos direcionados a ação e engajamento em atividades intelectuais. Além disso, se perpetua a idéia da cor do pecado, da mulher negra como criada, enfim, dos diversos estereótipos que reforçam a manutenção desta na posição de subalternidade. Percebemos então que estes estereótipos são também dificultadores para inserção da mulher negra em diversos contextos, inclusive no mundo do trabalho.

FACES NO CONTEXTO DO TRABALHO: CRESCIMENTO, DIFICULDADES E LIMITES

Um fator bastante evidente nos dados apresentados na fala das mulheres entrevistadas concerne ao significado que elas atribuem ao seu trabalho, e à satisfação que têm em ocuparem cargos de destaque na sociedade. Na perspectiva das trajetórias destas, o trabalho pode conceber realizações pessoais, satisfazer desejos, projetar expectativas, funcionando assim como um referencial para constituição da subjetividade e da identidade. Ainda com foco neste ponto de vista, estas mulheres esperam adquirir com o trabalho um olhar diferenciado integrado ao olhar de respeito, produtividade, capacidade, desafio e competência; diferente de quem não tem emprego e é colocado num status abaixo do padrão. Numa análise acordada com a percepção destas mulheres, o trabalho pode ser um elemento de forte influência nos processos mentais e na construção da psique das mesmas (DEJOURS, 1998). Uma entrevistada, por exemplo, falou da satisfação em ter conquistado seu espaço como médica, dizendo inclusive que não se incomoda com o fato de pessoas não acreditarem que ela ocupa tal cargo: *Que bom que eles acham que eu não sou, mas, eu sou... essas coisas não me abatem, só me estimulam* E1. Isto demonstra que a mesma busca superar a desqualificação que se repete e compõe seu cotidiano mas, por outro lado, também sinaliza tristeza, talvez camuflada pela necessidade de tolerar e se mostrar resistente aos impactos.

O trabalho pode ocupar um lugar humanizado na vida das pessoas, considerando que o mesmo é constituído por representações sociais, valores morais, história de vida que faz parte da vivência e experiência pertencente a cada um. A partir desta lógica, pode-se compreender o indivíduo por intermédio do trabalho, sendo este, segundo Codo (2004), sinônimo da identidade da mulher e do homem.

Então, quando se pensa no contexto de Brasil, cujo mercado de trabalho formal é restrito, pode-se ter uma idéia da dinâmica psicológica das pessoas que estão desempregadas e também daqueles que estão empregados e lutam para se manterem ativos no mercado. Uma das entrevistadas abordou a dificuldade enfatizando que

precisa se esforçar mais para permanecer no mercado: *As pessoas em geral têm que matar um leão por dia para sobreviver, nós mulheres negras temos que matar dois, três leões por dia* E2. Há indicativos de que a entrevistada vive em estado de alerta e pressão, tendo que se esforçar o dobro ou triplo para conseguir uma renda favorável ao seu sustento e o da família.

O ambiente de trabalho envolve diferentes psicodinâmicas e, quando há instabilidade ou desequilíbrios entre a realidade do trabalho e a pessoa, ocorrem reflexos nos processos psíquicos da mesma. A discriminação racial da mulher negra se compõe nesta esfera; e ela pode responder de diferentes formas, como: não tendo estrutura emocional para responder a demanda do ambiente interno, ou superando, por meio da criação de estratégias para não cair no sofrimento, podendo inclusive negar a discriminação. O trabalhador busca estratégias de defesa contra o sofrimento, que podem resultar em proteção ou alienação. Todavia, as estratégias só terão impactos positivos mediante uma compreensão por parte do trabalhador, de como o sofrimento foi produzido para, a partir deste entendimento, buscar condições para modificar o que o causou (CODO *et al.* 2004).

Mulheres negras que ascendem na sociedade, por vezes, são vistas como pessoas que ocupam cargos subalternos. Com o intuito de evitar determinadas situações constrangedoras, muitas podem passar por um processo de branqueamento que consiste na tentativa de se aproximar das características físicas mais marcantes na raça branca. Muitas vezes, os negros abrem mão de valores que acreditam e se submetem a ações que vão de encontro aos próprios princípios, como, por exemplo, a negação de si mesmo. Isto, de certa forma, é uma auto-agressão que provoca um desequilíbrio psíquico, levando estes a pagarem um alto preço, exigido pela sociedade (FIGUEIREDO, 2002).

Nas entrevistas não foram identificadas falas em que elas ressaltassem a figura do branco como superior, ou que elas negassem sua identidade. No entanto, os vários discursos mencionados revelam os constrangimentos pelos quais elas passam no cotidiano, tendo de provar que, de fato, exercem determinada função, seja no hospital, no tribunal, na escola etc. Duas das entrevistadas apontaram a necessidade de comprovar que exercem determinada profissão mesmo nos ambientes em que vão desempenhar o seu trabalho. As frases abaixo elucidam tal informação:

As pessoas nunca fazem a primeira pergunta: 'Você é médica?' Sempre acham que o máximo que poderia chegar é ser uma auxiliar de enfermagem, enfermeira....

[...]

Fui estacionar o carro no estacionamento só para médicos do hospital...o manobrista falou para mim: 'Olha, o estacionamento é só para médicos... a senhora é médica? ... A senhora tem como provar?'. Eu disse: 'Tenho! Quer que eu prove na entrada ou na saída?' Ele pediu para provar na entrada. Eu mostrei o cartão com meu CREMEB E1.

Fui barrada de novo no elevador do trabalho...e o ascensorista falou assim: 'Esse

elevador é privativo!’ E eu falei: ‘Privativo de quê? Temos duas situações: ou você está achando que eu sou analfabeta e não sei ler o que está escrito na placa, ou por ser privativo eu não posso entrar...’ E, novamente tive que tomar uma posição.

[...]

Eu estava com a cliente no tribunal e o juiz ignorou que eu estava sentada... quando eu comecei a falar da cliente, ele perguntou: ‘A senhora é quem?’ ‘Eu sou a advogada do caso...’ Peguei a carteira e disse que ele não permitiu que eu me qualificasse... Ele ficou surpreso e depois pediu desculpas E2.

Ao relatarem os fatos, estas mulheres traziam na voz um tom emocionado de revolta e raiva, transparecendo a inconformidade por sofrerem discriminação até no lugar que trabalham. Neste sentido, impactos psicológicos podem ocorrer na medida em que não são vistas como uma pessoa igual a qualquer outra que está trabalhando em setores que exigem maior qualificação do profissional.

Aos poucos, em meio às dificuldades apontadas, a mulher se faz presente no ambiente trabalhista. Nesse contexto, fica cada vez mais explícito a relevância da cor e da raça antes mesmo de verificar a competência do sujeito. De acordo com Bento (2000), os cargos de vendedora, recepcionista e secretária, que exigem como pré-requisito a chamada “boa aparência”, são ocupados de quatro a cinco vezes mais por mulheres brancas ou pardas que por mulheres negras. Há contextos de processos seletivos que excluem implicitamente mulheres negras por não preencherem padrões de beleza do branco. Em cargos de destaque, por vezes, elas submetem-se aos padrões estéticos que as aproximam do modelo de beleza da mulher branca, como: olhos claros, cabelos lisos, traços finos. Para E2, por exemplo: *Ser mulher negra nessa cidade, que não tem os padrões possíveis, desejados de mulher, está muito difícil. É você procurar emprego e não ter o padrão da Gisele Bündchen.* Então, resta às mulheres negras assumirem ocupações como diaristas, serventes, cozinheiras, entre outras atividades que exigem grande esforço físico com recompensa monetária muito baixa. E, em muitos destes casos, sem direito a carteira assinada responsável por assegurar os direitos legais do trabalhador.

Todas as entrevistadas relataram os percalços pelos quais passam no cotidiano, dizendo que estão dentre as mulheres privilegiadas por ocuparem cargos de destaque no trabalho: *Hoje tenho uma posição privilegiada entre as mulheres negras E2.* Negra e negros que ascendem socialmente ainda são vistos com muita estranheza num meio social de classe média, alta. As mulheres negras são confundidas com empregadas domésticas, garçonetes, babás, etc., mas quase nunca como patroa, consumidora, empresária. Benedita da Silva (1992 *apud* MENDONÇA *et al.* 2000) sinaliza que, independente do nível de escolaridade que esta mulher alcance, ela sempre encontrará dificuldades em sua inserção no mundo do trabalho, devido ao preconceito racial, enfatizando a emergência de mudança desta realidade.

Além do contexto relacionado à comprovação da profissão, também foi explicitado aspectos que confirmavam as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho sustentada pela concepção de gênero, que segundo Butler

(2001 *apud* LOURO 2001) atua através de meios excludentes e funciona como uma espécie de artifício manipulável. Essa manipulação e desigualdade pode ser referida nos comentários das entrevistadas:

[...] As pessoas preferem um ortopedista que seja homem, aquela coisa de que a ortopedia é uma profissão preterida de alguém que tenha músculos [...] cirurgia geral às vezes preferem homens... E1

Na empresa, o plano de cargos e salários não diferencia os trabalhadores por nenhum aspecto. Porém, convivo com pessoas que são profissionais liberais e que claramente falam sobre isso E4.

Diante dos exemplos, compreendemos que a mulher negra insere-se no mercado de trabalho com uma desvantagem quanto às atribuições dos cargos e também quanto à remuneração. E1 trouxe em sua fala representações relacionadas à mulher como o sexo frágil, sendo que profissões, que exijam maior esforço físico, não devem ser exercidas pela mesma. Neste caso, ela exemplifica, colocando que no campo da medicina há preferências por homens em determinadas áreas. Já E4 frisou conhecer pessoas que são remuneradas, considerando a raça e o gênero, embora tenha ressaltado não estar passando por este problema em específico.

O gênero é uma categoria que determina e/ou influencia as políticas de emprego, que envolvem carreira, remuneração, posição de cargos. Existe uma desigualdade das relações entre mulher e homem, composta por divisão intelectual e manual do trabalho, processo de qualificação e desqualificação (FONSECA, 2000). Em se tratando da mulher negra, a discriminação de gênero e raça se soma, tornando a situação ainda mais crítica. De acordo com os relatos das entrevistadas é notória a hierarquia que há em ambientes de trabalho quanto a mulher negra e homem branco.

A ideologia permanente no mundo do trabalho que sustenta preconceitos e discriminações contra a mulher, em destaque mulher negra, é constituída por crenças e valores direcionados à dominação. A centralização do poder nas mãos dos homens brancos foi algo instituído pelo social, sendo a idéia reproduzida ao longo das gerações. A partir disso, entende-se, portanto o quanto o imaginário coletivo é marcado por tal ideologia. Segundo Bourdieu (1987 *apud* FONSECA, 2000), o poder simbólico relativo aos sexos é capaz de estruturar a conformação do ser (homem/mulher). Em outras palavras, as pessoas por já terem introjetado a idéia (de superioridade para homens brancos, submissão para mulheres, inferioridade para homens e mulheres negras) acabam naturalizando os acontecimentos discriminatórios.

O homem branco historicamente ocupou posição de destaque no trabalho; cargos de direção e de chefia, e a mulher negra foi colocada num patamar abaixo da mulher branca. A ideologia era de que a mulher deveria ficar em casa, cuidando dos filhos; a mulher negra seria a serviçal e ama de leite dos filhos das mulheres brancas, e o homem branco o detentor do poder (SANTOS, 2002).

Mesmo com o progresso das mulheres, que há muito tempo lutam pelo seu espaço, tendo registros de gerações passadas quanto a atuação na vida pública (trabalho fora do lar, em fábricas etc.), hoje ainda é mantida, mesmo que subliminarmente, a idéia de que o universo feminino se fecha ao ambiente privado (casa, educação dos filhos). E, mesmo aquelas que adquirem independência e possuem um emprego, têm que conviver com a representatividade do seu trabalho atrelado às atividades secundárias (PASSOS, 1999).

Há tempos atrás, de acordo com Louro (2004), as atividades das mulheres eram quase rigidamente controladas e dirigidas por homens, sendo vistas como atividade de apoio, de assessoria ou auxílio. A colocação da E2, que é advogada, retrata a ideologia de que só homens podem ocupar cargos de destaque: *Os clientes em sua maioria têm preferência por advogados profissionais do sexo masculino e isso ameaça a renda*. Neste contexto, E2 ressaltou também situações em que pessoas já rejeitaram seus serviços por ela ser mulher e negra. Ratificou ainda o sentimento de frustração perante planos e expectativas para atuar na área pretendida sem obstáculos desta dimensão.

A partir da realidade das mulheres entrevistadas, pressupomos que o trabalho pode intervir na formação da subjetividade, estabelecendo assim uma relação estreita com o indivíduo. Foi dito por algumas mulheres negras que, apesar de sofrerem discriminação, conseguem superá-la na medida em que se remetem à profissão, auto valorizando-se pela luta, e por conseguirem chegar onde estão, E1 explicita este aspecto: *[...]coisas conquistadas por luta; quando vem impedimento, aí é que enfrento*. Vale frisar, no entanto, que ao mesmo tempo que dizem ter boa auto-estima por conta disso, supõem que o sofrimento deve ser mais intenso para aquelas mulheres negras que apenas sonham em ascender profissionalmente e não conseguem.

Na hora até me saio muito bem, mas lá dentro fica marcado... Aí vem a preocupação: 'e quem está com a auto-estima lá em baixo? Como é que fica uma pessoa dessa?'... Às vezes não consegue nem se reerguer depois. Empregadas domésticas, por exemplo, 'qual a perspectiva de vida dessas garotas?' E2

Mesmo com a criação de estratégias frente aos episódios abordados de discriminação de gênero e raça, observou-se que ocorreram impactos psicológicos nestas mulheres entrevistadas ao longo das suas trajetórias de vida.

IMPACTOS PSICOLÓGICOS E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA

Aspectos do passado relacionados aos esforços para conseguir ascensão, ou acontecimentos de discriminação presente que permeiam e se misturam ao cotidiano do trabalho, geralmente são velados (BENTO, 2000). Falar de racismo pode gerar desconforto para muitos. Existem considerações bem sutis que justificam a atitude de evitar discussões sobre o tema. A exemplo, podemos apontar o medo inconsciente

das pessoas se perceberem como preconceituosas, e outra que é mexer em algo do passado, porque fazem emergir questões que aparentemente foram resolvidas, mas que são extremamente sérias e refletem problemas presentes. Sendo assim, aqueles bem sucedidos evitam tocar no assunto para não gerarem polêmica, ou correrem risco como perder o emprego. Sobre a não discussão de episódios que abordam conteúdos discriminativos no ambiente de trabalho, atenta-se para a influência deste desequilíbrio entre a realidade do trabalho e do sujeito nos processos psicológicos. Tal desequilíbrio depende da forma como se reage aos episódios de discriminação. Quando a reação é pelo silêncio o sujeito geralmente nega a existência da discriminação. Já no enfrentamento, que está diretamente relacionado com a estrutura emocional constituída desde a fase da infância, reconhece-se o fato discriminativo podendo reagir a este de forma mais adequada. A maioria das entrevistadas respondeu com certo receio sobre os sentimentos experienciados no momento em que se depararam com situações de racismo. Uma entrevistada diz não se abater com episódios de discriminação. Outra se refere ao sentimento em um episódio de discriminação específico. Uma outra expõe de forma mais ampla seu sentimento diante destes episódios, quando acontece algo que elicia discriminação racial:

Na hora você não se sente bem, pensa: 'Poxa! O que é que tem de errado?' E3.

Tiro de letra; acho até graça por ver o quanto as pessoas são pequenas, mesquinhas [...] Não causa sofrimento. Se eu não alcançasse os meus objetivos seria mais difícil E1.

Meu filho queria se vestir de leão, daqueles bichinhos da parmalat... quando ele chegou a noite eu perguntei: 'E aí meu filho, como foi? Foi legal? Se vestiu de leão?' Ele disse: 'Não minha mãe, a tia disse que negro não se veste de leão, que negro se veste de ovelha...' E4.

Neste momento, a E4 colocou a repulsa e emoção negativa que sentiu deste episódio ao qual seu filho foi submetido, ainda muito pequeno com quatro anos de idade. Ela trouxe à tona dois registros caracterizados como pesares: um relacionado à impossibilidade de poupar seu filho desta sujeição, e o outro de reviver momentos sofridos na própria infância, também relacionados ao racismo: *Sentimento de impotência. O constrangimento que causa nunca é compensado E4.*

Percebemos que elas se põem a viver em estado de alerta diário, armadas para se defenderem das ofensas e ataques que venham a surgir nos contatos sociais e laborais, implicando assim num grande desgaste emocional:

[...] A auto-estima vai lá para baixo e a gente fica machucada lá dentro como pessoa...e eu fico me perguntando: 'Por que eu sou diferente? Por que eu tenho que justificar que eu sou advogada? Por que eu tenho que mostrar a carteira para provar? Sou cidadã! Por que eu não posso ser advogada?' E2.

Logo, a partir do sofrimento explícito contido nestas falas é que poder-se-ia pensar em possíveis contribuições da psicologia. A princípio, tentando compreender o porquê da resistência e/ou receio em expressar, ou falar espontaneamente sobre o assunto. E, posteriormente, entendendo de que forma a discriminação racial é refletida na vida das pessoas discriminadas. A Psicologia tem recursos suficientes para trabalhar com temáticas que envolvam o “real social”; realidade esta que engloba a discriminação racial brasileira. Infelizmente, a Psicologia enquanto instituição, que envolve pesquisa, formação, ciência e profissão, tem desenvolvido poucos estudos direcionados aos impactos psicológicos desencadeados pelo racismo. De acordo com Reis Filho (2000 *apud* AZEREDO, 2002), a Psicologia dispunha de poucos meios para falar da questão racial e pluralidade ética. Isto requer do psicólogo a capacidade de apurar a sua sensibilidade no sentido de perceber quais são as temáticas cruciais a serem enfrentadas e utilizar toda a sua criatividade epistemológica (SILVA, 2001).

Subjetividade e relações raciais, principalmente no contexto de Salvador, têm íntimo relacionamento com a Psicologia. Conforme Bock (2002), o fenômeno psicológico não é abstrato, e se desenvolve ao longo do tempo. Para ela, falar de subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. Ao mesmo tempo em que o homem atua e constrói sobre o mundo, ele é também influenciado por este. Trata-se de um movimento simultâneo, ao mesmo tempo em que releva os processos internos do sujeito, não descarta a importância e influência do ambiente na elaboração destes processos mentais e subjetivos.

Para Gonçalves (2002) a produção de símbolos e de signos aparece como uma marca fundamental da sociedade, sendo que a Psicologia deverá considerar o signo na produção da subjetividade do homem atual. No entanto, o indivíduo não se faz apenas pela referência do outro, pois existe algo que é particular em cada um, e que o faz diferente deste outro; por isso existe a diversidade.

O sujeito interativo da concepção sócio-histórica constitui-se na relação, mas não é constituído pelo outro apenas. Assim, a produção de significados é fundamental, mas, além de significar, o sujeito vivencia, experimenta, age e nesse sentido, tem uma *sua* subjetividade. (GONÇALVES, 2002, p.73).

Pedrina de Deus (1983 *apud* MENDONÇA *et al.*, 2000) sustenta o argumento de que concepções do outro, acerca da mulher negra só ser vista como cozinheira ou “mulher que dá prazer”, compõem elementos que estão internalizados e refletem na forma de ser desta mulher. *Já tem na história a idéia de que mulher negra é boa de cama, ou vai para cozinha servir comidas maravilhosas... então é difícil para vencer pelo intelecto, mostrar suas habilidades mentais* E2. Porém, o fato de haver este legado histórico, envolvendo contexto de humilhações, não significa que as mulheres que são negras não tenham bom desenvolvimento pessoal ou social. Cada indivíduo pode reagir a uma mesma situação de forma distinta. Cada uma/um desenvolve seus próprios mecanismos para agir e reagir no mundo. Pedrina refere-

se, indiretamente, a necessidade de perceber de que forma a subjetividade individual pode ser comprometida por intermédio de uma identidade social que, dentre seus componentes, inclui o racismo. E, ela aponta como uma das saídas deste problema a reflexão e a compreensão da influência destes aspectos sócio-históricos na vida da mesma. Sendo assim, entende-se que “é a partir da consciência de si mesmo e da consciência do outro que o plano singular da subjetividade se imbrica com o plano social da subjetividade” (FURTADO, 2002, p.92).

Complexo de inferioridade, identidade racial, recalçamento racial, auto-estima são aspectos que circundam e constituem a vida do sujeito que sofre discriminação. A Psicologia pode possibilitar caminhos a este sujeito para seu autoconhecimento, permitindo-lhe entrar em contato com seus sentimentos, tendo a possibilidade de expressá-lo de forma mais congruente, ou seja, conseguir integrar os sentimentos e suas ações (SILVA, 2001). Conforme Araújo (2002), o racismo ultrapassa categorias do discurso da política e da economia, colocando que a compreensão e superação do racismo têm relação íntima com a afetividade. Desta forma, ele destaca a participação da psicologia nestas discussões.

Se o tema do racismo, da alteridade e aceitação do Outro transita pelo afeto, está portanto, imerso num campo primariamente psicológico. E se o conflito interétnico é derivado de um medo da dissociação e da perda de identidade, o verdadeiro trabalho dos psicólogos é examinar os fundamentos da nossa identidade.

(ARAÚJO, 2002, p.25).

Essa passagem instiga a uma reflexão, considerando que o papel do psicólogo não se restringe apenas às questões que só envolvam estudos da identidade étnica. Pode-se pensar neste trecho apenas como uma das várias possibilidades de atuação. As contribuições da psicologia poderão envolver compreensões pelos signos e símbolos que aparecem na sociedade, e que fazem parte do imaginário e panorama cultural brasileiro.

A Psicologia pode dispor de subsídios em torno do que concerne a desconstrução do racismo, através de uma atuação que compreenda as dimensões subjetivas. Além disso, tem um papel reparador, já que há tempos (fins do século XIX e início do XX) psicanalistas, antropólogos, médicos-psiquiatras (a exemplo: Nina Rodrigues, Arthur Ramos - que utilizavam da ciência para justificar a inferioridade do negro) no bojo de saberes psicológicos, sociológicos, antropológicos, alimentavam concepções racistas (SILVA,2001).

O enfoque individualista que tem sido geralmente privilegiado pela Psicologia está em sintonia com a sociedade desigual que tem sido o Brasil desde o tempo de colônia, e considero que permanecer nesse enfoque significa compactuar com o processo que produz a desigualdade. (AZEREDO, 2002, p. 15).

Então, considerando que a Psicologia se apropria de conceitos como identidade,

subjetividade (que trazem à tona a questão do respeito da diversidade) ela pode contribuir para o processo de desconstrução das desigualdades. A frase colocada por uma entrevistada: *Eu sou fruto de políticas públicas e ação afirmativa (E2)*, toca num ponto importante que sinaliza possíveis caminhos que a Psicologia pode percorrer para contribuir no aperfeiçoamento de estudos e atuação de seus profissionais neste contexto. A trajetória destas quatro mulheres que conseguiram ascender socialmente e profissionalmente é caracterizada por muito esforço e lutas, e esta frase representa e faz emergir o quanto pode ser importante a Psicologia se inserir e/ou mediar “a articulação entre Estado e sociedade civil, visando maior eficácia na ação de gestão de políticas compensatórias e de reparação” (BENTO, 2001, p.32). Identificamos que no caso desta entrevistada o engajamento em programas sociais fortaleceu o seu movimento para busca de novas conquistas e novas perspectivas de vida. E, assim como o exemplo desta mulher, outras trajetórias podem ser direcionadas por ações positivas, obtendo também características de sucesso.

As Ações Afirmativas se desenvolvem em muitos países, tendo como referencial os Estados Unidos da América, que começaram a desenvolver programas sociais com a finalidade de reparar danos ocorridos ao longo da história de determinados grupos excluídos na sociedade, com o objetivo de corrigir as desigualdades. Logo, a Ação Afirmativa é uma política social que pretende estabelecer medidas direcionadas ao respeito às diversidades, sejam elas raciais, étnicas, culturais ou de gênero. Trata-se de diversas políticas governamentais e iniciativas privadas, cujo objetivo consiste em transformar comportamentos discriminativos, buscando proteger as vítimas de discriminação, seja pela cor da pele, sexo, deficiência, religião, dentre outros (SISS, 2003).

Falar em Ações Afirmativas é falar de compromisso social. Um dos desafios da Psicologia envolve justamente a sua inserção em práticas de cunho social. Conforme Martínez (2003), a Psicologia pode ser utilizada à serviço de uma sociedade mais justa, sendo para tanto necessário que o psicólogo adquira no seu espaço de formação estes recursos subjetivos suficientes que lhe auxiliem nesta prática. A autora aborda a necessidade dos profissionais de psicologia começarem a criar estratégias e instrumentos para uma prática acessível à realidade social, considerando que ela tem atributos para atuar em prol de uma sociedade menos desigual.

Vale ressaltar que antes de qualquer intervenção social, as psicólogas e os psicólogos devem fazer um investimento pessoal, dimensão esta pouco abordada no âmbito acadêmico, que restringe a aquisição do conhecimento mais para fazeres técnicos e profissionais (MARTÍNEZ, 2003). Além disso, pode-se agregar valores relacionados às experiências:

[...] Sistema de valores, capacidade de reflexão crítica, planos e projetos de profissionais e de vida, sensibilidade perante os problemas humanos e sociais não são inatos, mas formados no percurso da história de vida dos indivíduos, nos seus contextos sociais de ação e relação. (MARTÍNEZ, 2003, p.149).

De acordo com Bento (2001), pesquisas foram realizadas demonstrando que se torna mais acentuada a discriminação para mulheres negras que ocupam cargo de chefia, e que é justamente na área de trabalho que se reserva quantidades significativas de queixas de discriminação. Há tempos já existem movimentos que buscam modificar a realidade da população negra, seja a partir de sindicatos, reuniões, participação em conferências, elaboração de documentos, dentre outros que consistem num grande caminhar. A Psicologia pode inserir-se nesse contexto em parceria com órgãos governamentais, movimentos negros, através de construções de projetos, planos de ações, na tentativa de minimizar e/ ou reverter os impactos desiguais decorrentes de práticas da sociedade e ações pessoais que acontecem no mercado de trabalho.

A cada dia as cobranças no mundo do trabalho aumentam, exigindo do trabalhador qualificações diversas, a exemplo da polivalência, conhecimentos gerais e específicos da área que atua. Nesse contexto, fazem-se necessárias pessoas bem desenvolvidas, com nível superior, dinâmica, com bom desempenho, habilidades em comunicação com o público e trabalho em equipe. Sendo assim, considerando a temática do artigo, uma das medidas compensatórias, que merece destaque, concerne ao desenvolvimento de políticas para a proteção da mulher neste mercado, caracterizado pela alta seletividade. Programas de capacitação e treinamento consistem em uma forma que podem auxiliar estas mulheres a desenvolverem habilidades para melhor atenderem as demandas do mercado (BENTO, 2001).

Psicólogas e psicólogos com compromisso social podem inserir-se e criar várias áreas de trabalho. Em momentos iniciais, a participação e/ ou direção de seminários de sensibilização, workshops que abordem a temática do racismo, diversidade no trabalho, mecanismos de enfrentamento dentre outros assuntos também são formas de contribuição.

CONSIDERAÇÕES

Diante das análises realizadas, identificamos dificuldades pela maioria das entrevistadas em expressar os sentimentos fruto dos episódios de racismo. No entanto, através da observação participante e apreciação minuciosa das falas, incluindo a escuta, foi posto em evidência sentimentos como impotência, tristeza, sofrimento, baixa autoestima, raiva na entonação da voz ao relatarem determinadas situações, envolvendo discriminação racial. Sendo assim, percebemos que por mais que o sujeito discriminado tente negar e dizer que não se incomoda com estes acontecimentos, quando o assunto emerge, as diversas reações sinalizam que existem feridas, muitas vezes não cicatrizadas. E, referente às trajetórias destas mulheres negras, foi identificado que estas marcas existem e as acompanham todo tempo.

A partir desta compreensão entendemos que a Psicologia pode contribuir

percorrendo caminhos como: desenvolvimento de trabalhos com mulheres negras que já carregam as marcas do racismo e/ou promovendo uma conscientização social, na tentativa de minimizar práticas racistas e/ou ainda evitar que futuras mulheres em ascensão social sejam acometidas pelos estigmas do racismo. A Psicologia pode oferecer alternativas para que as pessoas possam ressignificar os aspectos psicológicos associados à discriminação racial, através de atividades diversas, como por exemplo: trabalhos psicoterapêuticos individuais e grupais. No entanto, a partir do momento em que se pensa em ampliar o campo de discussão, a Psicologia pode intervir utilizando-se também de um olhar diferenciado quanto à realidade, incluindo então a percepção referente às relações raciais e desigualdades. Debates, leituras, palavras, palestras também são meios de comunicação que tem o poder de tocar o outro e fazê-lo refletir e pensar sobre o assunto.

Contudo, a/o profissional que se insere neste campo de atuação – a/o psicóloga(o) – deveria estar sempre atento para a realidade que envolve nós pessoas e suas relações. Tal realidade contribui para produção do conhecimento da Psicologia e também para o transformar humano. No contexto de Salvador a população negra, em destaque mulheres negras, lida cotidianamente com a discriminação, expondo-se ao sofrimento psíquico. Sendo assim, não incluir tais discussões no campo da Psicologia, nestas e em outras perspectivas, é estar atuando de forma contrária aos Direitos Humanos e ao próprio código de ética que dentre seus princípios fundamentais expõe que devemos “promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e coletividades” e contribuir “para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Na nossa atuação devemos ter a responsabilidade social, além do senso crítico, compreensão da história e da realidade política, econômica, social e cultural que fazemos parte.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. C. de. Da Cultura ao Inconsciente Cultural. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, Ano 22, n.4, p.24-33, 2002.
- AZERÊDO, S. M. da M. O Político, o Público e a Alteridade como Desafio para Psicologia. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, Ano 22, n.4, p.14-23, 2002.
- BARNUEVO, S. Mulheres estão fora do comando. **Jornal A TARDE**, Salvador, 17 de out., 2004. Empregos e Mercado, Caderno 6.
- BENTO, M. A. S. (Org.). **Ação Afirmativa e Diversidade no Trabalho**: desafios e possibilidades. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BENTO, M. A. S. e DIAS, J. Medidas Compensatórias e Reparação frente a Violação dos Direitos da População Negra. In: BENTO, M. A. S., CASTELAR, M.(Org.). **Inclusão no Trabalho**: desafios e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- BENTO, M.A S. Tratamento da diversidade na área de recursos humanos: Gênero e Raça no mercado de trabalho brasileiro - projeto CEERT, in: SILVA, K.C.(Org.). **Gênero no mundo do trabalho: I**

Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil. Brasília: Fundo para a Equidade de Gênero, da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional - CIDA, 2000.

BERNS, R M. **O Desenvolvimento da Criança.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOCK, A. M. B. FURTADO, O., GONÇALVES, M.das G. M. (Org.). **Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** 2. ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2002.

BRUSCHI, M.E., GUARESCHI, N. M. **Psicologia e Desafios para uma Nova Psicologia Social.** Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

CARONE, Iray. Breve Histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: BENTO, M.A.S., CARONE, I. (Org.). **Psicologia Social do Racismo.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

CAMINO, L. Direitos Humanos e Psicologia. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia, Ética e Direitos Humanos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

CODO, W.; MENEZES, I. V.; SORATTO, L. Saúde Mental e Trabalho. In: BASTOS, A.V. B. B., BORGES, J.E., ZANELLI, J.C. (Org.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil.** Porto Alegre: Artemed, 2004. Cap. 8.

DIEESE. Dia da Consciência Negra: A População Negra em Mercados de Trabalho. **Estudos e Pesquisas**, Ano I, nº3 nov. 2004. Disponível em: <www.dieese.org.br/esp/negro.xml>. Acesso em 29 de nov. 2005.

DEJOURS, C. Que Sofrimento. In: DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** São Paulo: Cortez, 1998. Cap.2.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente: identidade em construção.** São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FIGUEIREDO, A. **Novas Elites de Cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador.** São Paulo: Anna Blume, 2002.

FONSECA, T. M. G. **Gênero, Subjetividade e Trabalho.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

FURTADO, O. O psiquismo e a subjetividade social. In: BOCK, A.M.B., FURTADO, O., GONÇALVES, M.G. M.(Org.). **Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** 2. ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2002. Cap. 4.

GONÇALVES, M. da G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade. In: BOCK, A. M. B., FURTADO, O., GONÇALVES, M. G. M.(Org.). **Psicologia Sócio- Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** 2. ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2002. Caps. 2 e 3.

JACQUES, M. da G. C. Identidade. **Psicologia Social Contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

LOURO, G. L (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTÍNEZ, A. M. Psicologia e Compromisso Social: desafios para a formação do psicólogo. In: BOCK, A. M. B. **Psicologia e Compromisso Social.** São Paulo: Editora Cortez, 2001. Cap. 9

MENDONÇA, M., WERNECK, J., WHITE, E. C. (Org.). **O Livro da Saúde das Mulheres Negras:**

nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Crioula, 2000.

MUNANGA, K. (Org.). **História do Negro no Brasil**. O Negro na Sociedade Brasileira: resistência, participação, contribuição. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004. vol.1.

OLIVEIRA, C. M. de. Pluralidade Racial: Um novo desafio para a Psicologia. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, Ano 22, n.4, p.34-45, 2002.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1998.

PASSOS, E. S. **Palcos e Platéias**: as representações de gênero na faculdade de Filosofia. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, 1999.

SANTOS, G. A. **A Invenção do Ser Negro**: um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: EDUC/FAPESP; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SEGATTO, N. Zumbi + 10: estudo aponta dupla discriminação contra mulher negra. São Paulo, nov. 2005. Seção **Agência CUT de Notícias**. Disponível em: <<http://www.cut.org.br>>. Acesso em: 07 dez. 2005.

SILVA, M.V. de O. Psicologia, subjetividade e relações raciais no Brasil. In: BOCK, A. M.(Org.). **Psicologia e Compromisso Social**. São Paulo: Editora Cortez, 2001. Cap. 6.

SISS, A. **Afro-brasileiras, Cotas e Ação Afirmativa**: razões históricas. Rio de Janeiro: Quartel; Niterói: PENESB, 2003.

TADEI, E. T. A mestiçagem Enquanto um Dispositivo de Poder e a Constituição de Nossa Identidade Nacional. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, Ano 22, n.4, p.02-13, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

CrITÉrios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

EspÍrito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0